



A PESQUISA COMO TRAVESSIA: O FAZER-SE PESQUISADORA COM O NUGS

Gabriela Costa Araujo

Cientista Social e Pedagoga

Instituto Federal de São Paulo – IFSP, São Carlos, SP, Brasil.

gabriela.costa@ifsp.edu.br

Resumo

Este ensaio reflete sobre a experiência de pesquisar com o Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade (NUGS), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), compreendendo a investigação como travessia formativa, ética e política. O texto emerge de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento que investiga a atuação do NUGS no contexto da Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT), com atenção aos modos pelos quais as políticas de diversidade são interpretadas, traduzidas e atuadas no cotidiano institucional. A partir de experiências vivenciadas no campo da pesquisa, o ensaio problematiza o Núcleo como espaço de formação, resistência, escuta e produção coletiva de conhecimento. Em diálogo com a perspectiva da pesquisa-intervenção, com a abordagem do ciclo de políticas e com as contribuições de Favret-Saada (2005), Gallo (2002), Haraway (2009), hooks (2017) e Freire (1978; 1992; 1997), discute-se, assim, o que significa pesquisar o NUGS com o próprio Núcleo e como a implicação de quem pesquisa desloca as fronteiras entre investigação, formação e ação. A partir de experiências vividas junto ao Núcleo, especialmente no Encontro Estadual de 2025, o texto reflete sobre a ideia de denúncia, anúncio, escuta e produção do comum como dimensões de uma prática educativa comprometida com a transformação social.

Palavras-chave: NUGS; Gênero; Sexualidade; Pesquisa-intervenção; Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

RESEARCH AS A JOURNEY: BECOMING A RESEARCHER WITH NUGS

Abstract

This essay reflects on the experience of conducting research with the Center for Studies on Gender and Sexuality (NUGS) at the Federal Institute of Education, Science, and Technology of São Paulo (IFSP), viewing the research as a formative, ethical, and political journey. The text stems from a doctoral research Project currently in progress that examines NUGS's



activities in the context of Professional, Scientific, and Technological Education (EPCT), with a focus on the ways in which diversity policies are interpreted, translated, and implemented in institutional daily life. Drawing on experiences gained in the field of research, this essay examines the Center as a space for education, resistance, listening, and the collective production of knowledge. In dialogue with the perspective of intervention research, the policy cycle approach, and the contributions of Favret-Saada (2005), Gallo (2002), Haraway (2009), hooks (2017) and Freire (1978; 1992; 1997), it thus discusses what it means to research the NUGS alongside the Center itself and how the involvement of the researcher shifts the boundaries between research, education, and action. Drawing on experiences with the Center, especially at the 2025 State Meeting, the text reflects on the ideas of denunciation, proclamation, listening, and the production of the commons as dimensions of an educational practice committed to social transformation.

Keywords: NUGS; Gender; Sexuality; Research-intervention; Professional, Scientific, and Technological Education.

Entre denúncia e anúncio

A escolha de um objeto de pesquisa não é fruto do acaso. Ela surge de um percurso de constituição pessoal, intelectual e política, marcado por experiências, afetos e inquietações. Contudo, afirmar que escolhemos nossos objetos é talvez apenas uma meia-verdade. Com o tempo, compreendi que há também algo do encontro, do chamado, nesse processo. Certos objetos nos escolhem, convocam-nos. Foi assim que a pesquisa sobre o NUGS chegou até mim: como acontecimento que denomino travessia. Travessia nomeia um percurso de transformação da própria experiência investigativa, em que a pesquisa se desenvolve como processo contínuo de elaboração e formação da pesquisadora. A noção enfatiza a relação contínua e implicada com o campo e as transformações produzidas pelas experiências e questões que surgem no decorrer da investigação. Desde então, o NUGS, como campo de relações, práticas e produção coletiva de sentidos, tem caminhado comigo, ensinando-me a ser pesquisadora a partir do encontro.

O NUGS é um espaço institucional e um dispositivo de formação, acolhimento, reflexão crítica e promoção da diversidade, situado em uma zona de tensão entre a institucionalidade e as possibilidades de resistência às suas formas de regulação. Sua gênese está relacionada ao processo de incorporação das pautas de gênero, sexualidade e direitos humanos no IFSP, impulsionado inicialmente pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PRX). Nesse percurso, destaca-se o Programa Mulheres Mil (PMM), instituído no IFSP, a partir de



2011, e posteriormente ampliado, que, além da formação e qualificação profissional de mulheres em contextos de vulnerabilidade, favoreceu o desenvolvimento de ações educativas sobre gênero, sexualidade e direitos. Em 2014, a realização do *I Seminário sobre Diversidade Cultural e Educação* e a publicação da Portaria nº 2.102/2014, que assegurou o uso do nome social no IFSP, representaram marcos nesse processo.

A continuidade desse movimento ocorreu com o *II Seminário sobre Diversidade Cultural e Educação*, realizado em 2015, que promoveu discussões sobre feminismos, machismo, tecnologias, desigualdades e violências de gênero. Como desdobramento dessas discussões, surgiu a proposta de criação do NUGS e foi instituída uma comissão para conduzir sua implantação no IFSP. Embora a iniciativa tenha sido inicialmente articulada pela PRX, sua concepção não se restringia à extensão. Desde sua origem, defendeu-se uma atuação transversal, articulada ao ensino, à pesquisa e à extensão (Ricatieri, 2026). O Núcleo foi oficializado em 2016¹ e, desde então, vem desenvolvendo ações de formação, acolhimento, produção de materiais, articulação institucional e promoção de debates sobre gênero e sexualidade.

O NUGS é organizado pela Portaria nº 5.700, do IFSP, de 25 de outubro de 2021², e está vinculado ao Gabinete da Reitoria. Sua atuação combina uma organização centralizada com uma presença capilarizada nos diferentes *campi* do IFSP, por meio de suas/seus integrantes. Essa configuração favorece a circulação de discussões, formações e iniciativas pelos diversos espaços institucionais, considerando as dinâmicas, demandas e especificidades sociais de cada *campus* e região.

A institucionalização do NUGS também se expressa na definição de uma estrutura de gestão e de finalidades que orientam sua atuação. A gestão executiva é composta por Coordenação, Vice-Coordenação e Secretaria, com mandato bianual, enquanto a composição do Núcleo é renovada, também a cada dois anos, mediante edital para ingresso de novas(os) integrantes. Entre suas finalidades, destacam-se a promoção de uma educação inclusiva e não sexista e a construção de relações pautadas pela equidade de gênero e pelo respeito às diferentes formas de vivenciar a sexualidade e as identidades de gênero (IFSP, 2024).

¹ A Portaria nº 1.861, do IFSP, aprovou em 2016 o Regulamento Interno do Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade. Este é o documento que formalizou a criação do NUGS no âmbito institucional. Disponível em: <https://drive.ifsp.edu.br/s/sGD91Jgc2TusVmM?dir=/&editing=false&openfile=true>. Acesso em: 10 set. 2026.

² Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/index.php/acoes-e-programas/162-reitoria/conselhos-e-nucleos/destaques-do-nugs/4377-composicao>. Acesso em: 10 set. 2026.



Desse modo, a atuação do NUGS envolve tanto dimensões formativas e preventivas quanto ações de acolhimento e acompanhamento de estudantes que vivenciam situações de discriminação, buscando contribuir para sua permanência escolar e para a garantia de direitos. Compete ainda ao Núcleo acompanhar o cumprimento das normativas relacionadas às identidades de gênero e às sexualidades e participar da articulação com órgãos do poder público na promoção de políticas de diversidade e equidade de gênero (IFSP, 2021). Assim, suas atribuições situam o NUGS em um campo de atuação que ultrapassa a resposta a situações individuais de violência ou discriminação, envolvendo também a produção de condições institucionais para que diferentes sujeitos possam ocupar, permanecer e participar da escola.

O ensaio aqui apresentado surge de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, que investiga a atuação do NUGS no contexto da Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT), com foco nos modos pelos quais as políticas de gênero e sexualidade são interpretadas, traduzidas e atuadas no cotidiano institucional. Ancorada na abordagem do ciclo de políticas, proposta por Stephen J. Ball e Richard Bowe (Mainardes, 2006; Ball, 2011), a pesquisa privilegia o contexto da prática³, compreendendo as políticas como processos dinâmicos, situados e permeados por disputas, negociações, resistências e relações de poder. A investigação é orientada pela perspectiva da pesquisa-intervenção (Barros; Kastrup, 2009) e envolve análise documental, participação observante e registros em diário de campo⁴.

³ O ciclo de políticas, proposto por Stephen J. Ball e Richard Bowe, compreende as políticas educacionais como processos dinâmicos e não lineares, organizados em cinco contextos inter-relacionados: contexto de influência, contexto da produção do texto, contexto da prática, contexto dos resultados/efeitos e contexto de estratégia política. Nesta pesquisa, privilegia-se o contexto da prática, entendido como o espaço em que as políticas são interpretadas, traduzidas, recriadas e atuadas pelos sujeitos no cotidiano institucional, evidenciando mediações, resistências, acomodações e processos de produção de sentidos (Mainardes, 2006; Ball, 2011; Ball; Maguire; Braun, 2021).

⁴ Parte das ideias e reflexões apresentadas neste ensaio foi construída a partir de registros realizados pela pesquisadora em seu diário de campo, decorrentes da observação e da participação nos Encontros Estaduais do NUGS de 2025 e 2026, bem como em reuniões e outras atividades do Núcleo. Algumas dessas reflexões também foram suscitadas por falas proferidas em atividade pública do Encontro Estadual do NUGS de 2025 e registradas pela pesquisadora em seu diário de campo. Essas ideias são retomadas a partir dos registros produzidos durante a atividade, com finalidade exclusivamente analítica e reflexiva. Os Encontros Estaduais do NUGS são espaços de articulação, formação e partilha de experiências entre integrantes do Núcleo, comunidade escolar e pessoas convidadas, promovendo discussões sobre ações, projetos e políticas relacionadas à gênero e sexualidade na RFEPCT. O Encontro Estadual de 2025 teve como tema *Quebrando silêncios, construindo saberes* e foi realizado no campus Cubatão. Informações disponíveis em: <https://www.ifsp.edu.br/index.php/acoes-e-programas/162-reitoria/conselhos-e-nucleos/destaques-do-nugs/3373-nugs-em-acao>. Acesso em: 5 maio 2026.

No âmbito da investigação que deu origem a este ensaio, realizamos um levantamento da produção acadêmica dedicada aos Núcleos de Gênero, Sexualidade e Diversidade na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT)⁵. Esse levantamento demonstrou que, embora a atuação desses Núcleos dentro da Rede e, especialmente, nos Institutos Federais, venha ganhando espaço nas discussões sobre políticas de diversidade, a produção acadêmica especificamente voltada a essas experiências ainda é relativamente restrita. Como parte da própria pesquisa, buscamos contribuir para esse campo por meio do mapeamento dos Núcleos existentes nos Institutos Federais e da análise das condições institucionais necessárias à sua constituição, funcionamento e fortalecimento⁶. Este ensaio, contudo, desloca o foco dessa discussão, interessa-nos aqui refletir sobre a própria experiência de pesquisar com o NUGS, considerando os encontros, implicações, deslocamentos e aprendizagens produzidos no processo de pesquisa.

A pesquisa de campo desenvolvida no âmbito da investigação de doutoramento teve início em 2025, a partir do acompanhamento de ações, reuniões, eventos e práticas desenvolvidas pelo Núcleo em diferentes contextos institucionais do IFSP. Ao se caracterizar como uma participação observante (Barros; Kastrup, 2009), o envolvimento da pesquisadora não ocorre de maneira externa ou distanciada, mas constitui parte do próprio processo de produção do conhecimento. Assim, o ensaio foi sendo construído a partir das experiências vividas no cotidiano do Núcleo. O diário de campo registra experiências, observações e reflexões produzidas ao longo desse percurso.

Investigar o NUGS significa, assim, compreender a confluência de trajetórias, histórias, silenciamentos e resistências que perpassam a instituição escolar e a própria Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT). O Núcleo configura-se, assim, como um espaço de fronteira, situado naquilo que Glória Anzaldúa (2016) denomina *borderlands*, ou terras fronteiriças, compreendidas neste ensaio como zonas fronteiriças. A escolha do termo “zona” evoca desarranjo, deslocamento e instabilidade, características próprias a um Núcleo que transita entre o institucional e aquilo que escapa ao

⁵ Além do trabalho de Mariana Ricatieri sobre o NUGS, já citado neste ensaio, foram identificadas outras pesquisas que abordam Núcleos de Gênero, Diversidade Sexual e Diversidade na Rede, entre elas as de Willian Guimarães (2023), Lucas Grischke (2019) e Luciane Ferreira (2024). Esses estudos discutem, a partir de diferentes contextos institucionais, processos de constituição e institucionalização dos Núcleos, suas trajetórias, potencialidades, desafios e formas de atuação na promoção dos direitos e das políticas de gênero e sexualidade. Guimarães (2023), Grischke (2019) e Ferreira (2024).

⁶ Parte deste levantamento foi apresentada e publicada nos Anais da 17ª Reunião Regional da ANPEd Sudeste, realizada em 2026, e será disponibilizada em breve no sítio eletrônico do evento.

instituído. O NUGS tensiona normativas, produz fissuras e reinventa práticas, discursos e modos de existir no interior da escola.

As zonas fronteiriças são territórios liminares nos quais identidades, culturas, normas e saberes entram em contato, conflito e negociação. São espaços marcados por disputas, mas também pela potência de criação de outras possibilidades de existência. Nesse sentido, o NUGS deve ser compreendido como um dispositivo institucional voltado às questões de gênero e sexualidade, mas também como um espaço coletivo de produção de saberes, práticas, epistemologias e insurgências que nascem em meio às contradições da escola, da academia e das políticas educacionais.

Ao mesmo tempo em que denuncia a permanência das desigualdades, violências e silenciamentos, o Núcleo também anuncia outras formas de pensar e fazer educação (Freire, 1997). Toda denúncia carrega consigo um anúncio. Denunciar significa desvelar estruturas opressoras, enquanto anunciar implica reconhecer e construir possibilidades diante daquilo que se apresenta como limite. É nesse movimento que nasce o inédito viável, compreendido por Paulo Freire (1978) como possibilidade de criação e transformação diante das situações-limite. Assim, refletir sobre o NUGS significa reconhecer as ausências, os apagamentos e as disputas que tornam necessária sua existência, mas também acompanhar os possíveis que surgem de suas práticas.

O NUGS como espaço político e formativo

A existência do NUGS, no contexto do IFSP, amplia a compreensão de política para além de sua dimensão normativa ou burocrática. A sua construção e institucionalidade é também uma escolha pedagógica. Embora o Núcleo também atue no âmbito das políticas dos “grandes mapas e projetos” (Gallo, 2002, p. 173), é nas experiências cotidianas, nas relações e nas práticas que tensionam os limites do instituído que sua dimensão política ganha materialidade. Sua atuação se aproxima, assim, daquilo que Sílvio Gallo (2002, p. 173) denomina educação menor, compreendida como uma prática que surge nas brechas, produzindo fissuras e outras possibilidades de existência no interior da escola:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um

futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. [...] A educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um.

O NUGS não se limita às estruturas formais das políticas institucionais. Sua atuação ganha concretude nas práticas cotidianas que ressignificam a escola e criam outras formas de viver e pensar o ambiente escolar. Como fronteira e trincheira, o Núcleo atua, sobretudo, na micropolítica, tornando-se também um espaço de reflexão e experimentação, onde a educação assume um caráter vivo, situado e engajado (hooks, 2017). Ao tensionar lógicas institucionais historicamente marcadas pela reprodução de desigualdades estruturais, o Núcleo rompe com a ideia de neutralidade da educação e explicita que toda prática educativa é histórica, situada e marcada por relações de poder.

Nesse sentido, o Núcleo é também um espaço formativo em que a política age como eixo estruturante das práticas e reflexões desenvolvidas. Docentes, estudantes e servidoras(es) constroem coletivamente saberes a partir de experiências compartilhadas e de perspectivas encarnadas, críticas e plurais. Esse processo formativo desestabiliza certezas, produz questionamentos e convoca à reflexão sobre os modos pelos quais compreendemos a educação, os sujeitos e a realidade social.

É justamente nessa dimensão relacional e implicada da formação que a perspectiva de Donna Haraway (2009) se torna relevante para compreender o Núcleo. Ao defender que todo conhecimento é produzido a partir de perspectivas parciais, corporificadas e historicamente situadas, a autora questiona a ideia de neutralidade científica. Assim, investigar o NUGS significa reconhecer que o olhar da pesquisadora também é afetado pelo próprio campo de pesquisa. Não se trata de uma observação externa ou distanciada, mas de uma produção de conhecimento construída no encontro com os sujeitos, nas experiências compartilhadas e no envolvimento com o cotidiano do Núcleo.

Nesse sentido, o NUGS é também um lugar de invenção institucional, a construção de outras maneiras de fazer e habitar a escola. Ao articular ensino, pesquisa e extensão às pautas de gênero, sexualidade, diversidade e suas interseccionalidades, o Núcleo amplia o sentido da educação pública e afirma uma perspectiva de formação integral e um compromisso ético com a transformação social (Freire, 1997).

Compreender o NUGS a partir dessas relações entre experiência, formação e implicação também exige ampliar o entendimento sobre a própria política educacional. Nesse ponto, as contribuições de Stephen J. Ball (1994) ajudam a compreender que as políticas são

processos dinâmicos, produzidos nas práticas, interpretações e disputas do cotidiano institucional. Assim como o conhecimento é situado e produzido nas relações, as políticas também ganham sentido nos contextos em que são vividas, negociadas e reinterpretadas pelos sujeitos. É nesse lugar entre prescrição e prática que o NUGS se inscreve.

As políticas educacionais são atuadas⁷ pelo Núcleo no cotidiano institucional, nas reuniões, nos projetos, nos encontros formativos, nos diálogos, na construção de acervos bibliográficos⁸ e nas contradições que permeiam sua própria atuação. Nesse contexto, as políticas são reinterpretadas, negociadas e recriadas por sujeitos concretos, marcados por trajetórias e condições institucionais específicas, inclusive marcadas pelas realidades locais e pelos arranjos socioeconômicos próprios de cada território em que o NUGS está inserido. O Núcleo exerce, assim, uma forma de política que ultrapassa a mera execução de diretrizes, convertendo-as em práticas ético-coletivas de cuidado, presença, visibilidade e pertencimento.

Exemplar desse processo é o projeto “Diversidade em Diálogo: Gênero e Sexualidade”⁹, vinculado ao programa “Valorização do NUGS no Campus”, que, em 2025, instituiu em seu escopo o espaço de interação “Eu Apoio”. A iniciativa foi apresentada no Encontro Estadual dos NUGS de 2025, ocasião em que a coordenação do projeto e estudantes bolsistas compartilharam experiências, práticas e desafios vivenciados em sua implementação. O “Eu Apoio” configurou-se como uma ação periódica de acolhimento e escuta no campus, voltada à criação de um ambiente de convivência no qual estudantes pudessem compartilhar

⁷ Ball, Maguire e Braun (2021) rejeitam o uso do termo “implementação” ao se pesquisar políticas e optam por “atuação”. No texto original as/os autoras/es empregam o termo *enactment*, que, embora associado à promulgação de leis e decretos, é mobilizado na obra em um sentido de encenação. Assim, as políticas são compreendidas como algo que se realiza na prática, sendo primeiramente traduzidas, posteriormente interpretadas, e então colocadas em cena, encenadas pelos/as diferentes atores/as envolvidos/as. Essa perspectiva rompe com a compreensão de um modelo linear e vertical (*top-down*) e passa a enfatizar uma abordagem que considera a circularidade da política. Ver nota da revisão em: Ball, Maguire, Braun (2021): ao problematizar a noção de verticalidade das políticas, Ball argumenta que elas não se originam em um único ponto nem seguem uma direção única; ao contrário, emergem em diferentes contextos e se desenvolvem em múltiplas direções, a depender dos/as atores/as e das condições em que são produzidas e atuadas.

⁸ O NUGS desenvolveu um programa de enriquecimento dos acervos das bibliotecas dos *campi* do IFSP, com a aquisição e disponibilização de obras sobre diversidade, gênero e sexualidade. Em 2024, foram adquiridos 26 títulos, acompanhados de material elaborado pelo Núcleo com informações sobre as obras, buscando favorecer sua utilização em práticas de ensino, pesquisa e extensão. O acervo integra um conjunto mais amplo de publicações e materiais produzidos e/ou indicados pelo NUGS, disponibilizados em seu portal institucional. Disponível em:

<https://www.ifsp.edu.br/index.php/acoes-e-programas/162-reitoria/conselhos-e-nucleos/destaques-do-nugs/4418-publicacoes>. Acesso em 12 set. 2026.

⁹ Para saber mais sobre o projeto desenvolvido pelo IFSP, Campus Jacareí, acesse: <https://jcr.ifsp.edu.br/index.php/ultimas-noticias/2722-diversidade-em-dialogo-apresenta-eu-apoio>. Acesso em: 13 set. 2026.

vivências, conversar e buscar apoio em momentos de vulnerabilidade, especialmente pessoas da comunidade LGBTQIA+.

A experiência mostra como políticas e ações institucionais não apenas são apropriadas e recriadas nas práticas cotidianas, mas também produzem espaços de significação compartilhada. Bifo Berardi (2020) sugere que a linguagem constitui um terreno de disputa e criação de sentidos, no qual a imaginação coletiva pode abrir possibilidades diante das formas de asfixia produzidas pela racionalidade capitalista. No contexto do NUGS, a escuta e a palavra compartilhadas podem ser compreendidas nessa direção: como acolhimento, mas como prática capaz de produzir outros sentidos para a experiência institucional e imaginar formas distintas de estar na escola.

O encontro com o NUGS e o deslocamento do olhar

Entre as atividades que vivenciei no NUGS, o Encontro Estadual de 2025, intitulado “Quebrando silêncios, construindo saberes”, realizado no Campus Cubatão¹⁰, destacou-se como um acontecimento que ultrapassou o caráter institucional de um evento, afirmando-se como espaço de encontro, significação e produção coletiva de sentidos. Com uma programação composta por rodas de conversa, oficinas, cine-debate, apresentações culturais e mesas de discussão, o evento buscou ampliar o debate sobre gênero, sexualidade, inclusão e diversidade, reafirmando o compromisso do NUGS com a construção de uma educação inclusiva, plural e não discriminatória.

O Encontro também se configurou como espaço de escuta, acolhimento e articulação de estratégias de resistência e permanência frente às tensões e desafios enfrentados nos cotidianos institucionais. Foi uma expressão viva daquilo que o NUGS representa, a potência do comum, de corpos em aliança (Butler, 2018). A noção de assembleia, desenvolvida por Judith Butler (2018), dialoga com essa percepção ao remeter a uma política da presença, na qual os corpos reunidos produzem formas coletivas de existência, resistência e reivindicação.

A presencialidade, cada vez mais rarefeita nas dinâmicas institucionais e acadêmicas contemporâneas, conferiu ao Encontro uma dimensão marcada pela corporeidade e pela

¹⁰ O encontro, realizado em comemoração aos nove anos do NUGS, reuniu estudantes, servidoras/es e comunidade em um espaço institucional de diálogo, escuta e valorização da diversidade, reafirmando o compromisso dos Institutos Federais com políticas de inclusão, equidade e formação humana. Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/index.php/component/content/article/17-ultimas-noticias/5400-nugs-celebra-nove-anos-com-encontro-quebrando-silencios-construindo-saberes-no-campus-cubatao>. Acesso em: 5 maio 2026.

experiência compartilhada, aprendendo com o outro e partilhando o sensível. O Encontro consolidou-se, assim, como território de partilhas e celebrações, reunindo servidoras/es e estudantes em torno de saberes, experiências e modos de existência diversos. Destaco, em particular, a participação ativa de estudantes do ensino médio, cuja presença destacou a força educativa e política do evento, reafirmando a função social dos Institutos Federais e seu compromisso com os sujeitos aos quais historicamente se destinam.

A palavra *cura* emergiu de forma recorrente nas falas e trocas durante o Encontro, provocando-me a refletir: de que, afinal, estamos nos curando? Em tempos marcados pelo adoecimento, a ideia de cura transcende a restauração de uma suposta normalidade perdida. Quando enunciada no evento, não se trata de eliminar sintomas ou recompor funções segundo a lógica da produtividade neoliberal e seus imperativos, mas de engajar-se em um processo contínuo de reconfiguração do ser e de seu lugar no mundo. A cura revela-se como processo de transformação, um modo de habitar a vulnerabilidade e reconhecer as fissuras em nossas vidas.

Coletivamente, a cura manifesta-se como prática política, ocorre nos encontros, nas trocas e nas relações em que se compartilham experiências de fragilidade, formas de acolhimento e modos de resistência. O adoecimento nunca é apenas individual; seus sintomas expressam marcas coletivas inscritas nos corpos e subjetividades, situados em um tempo histórico. Nesse sentido, a escuta pode instaurar um espaço de partilha no qual a cura se tece na relação. Compreendida para além da apreensão imediata de uma fala, ela implica abertura para aquilo que surge no encontro e para os sentidos que nele se produzem. É nesse deslocamento que a experiência do NUGS permite aproximar escuta e comum. A experiência do Encontro transformou minha maneira de conceber a pesquisa com o NUGS, um campo no qual encontro e experiência compartilhada deslocaram o olhar da pesquisadora.

Fazer pesquisa com o NUGS: implicações éticas, políticas e epistemológicas

Como observa Jeanne Favret-Saada (2005), só se compreende o campo quando se é atravessado por ele. Pesquisar implica deixar-se afetar, permitir que o campo toque, desloque e transforme. O campo de pesquisa não é apenas observado, mas é um espaço de relações no qual se é implicada e modificada. Favret-Saada (2005, p. 160) destaca que assumir a participação envolve riscos, afirmando que “Aceitar ser afetado supõe ver seu projeto de

conhecimento se desfazer. Pois se o projeto for onipresente, nada acontece. Mas se algo acontece e o projeto não se perde em meio à aventura, então uma etnografia é possível.”

Pesquisar o NUGS com o NUGS é, inevitavelmente, um exercício de afetação. Mais do que observar um objeto externo, trata-se de adentrar um território do qual também se participa, onde aquilo que se investiga constitui a própria experiência da pesquisadora. A pesquisa deixa de ser apenas meio de compreender o mundo e torna-se também forma de o experienciar, exigindo presença, escuta e responsabilidade.

Inspirada por bell hooks (2017), compreende-se também a pesquisa como prática de liberdade. É no diálogo que ela se realiza. No caso do NUGS, suas práticas tornam visíveis exclusões e desigualdades presentes na instituição e, simultaneamente, produzem outros modos de conhecimento, convivência e ação. A produção de conhecimento, nessa perspectiva, é inseparável das posições ocupadas por quem pesquisa e das relações estabelecidas no campo. O conhecimento produzido é elaborado nas relações, experiências e sentidos compartilhados ao longo do percurso investigativo. A escrita, por sua vez, pode ser compreendida como gesto de restituição, reconhecimento e pertencimento.

Patricia Hill Collins (2016), ao discutir a produção de conhecimento a partir das experiências de grupos historicamente subalternizados, especialmente das mulheres negras, mostra a centralidade desses saberes na compreensão e no enfrentamento das estruturas de poder. Nesse sentido, o NUGS, ao produzir espaços de enfrentamento, escuta e expressão para mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas pretas, quilombolas, indígenas, com deficiências e outros sujeitos cujas experiências foram historicamente subalternizadas nos processos de produção e legitimação do conhecimento, constitui-se também como espaço de produção de saberes que tensionam perspectivas hegemônicas e ampliam as possibilidades de compreender e transformar a realidade.

A pesquisa realizada com o NUGS, apresentada neste ensaio, recusa a lógica do isolamento da pesquisadora e afirma a produção compartilhada do conhecimento. No Núcleo, investigar significa participar; compreender envolve também afetar-se e intervir; escrever torna-se continuidade dos diálogos, encontros e experiências produzidos no campo. O comum apresenta-se, assim, como experiência coletiva e como horizonte político e ético que convoca a repensar a pesquisa e a educação a partir da solidariedade, da partilha e do esperar enquanto movimento de criação e transformação.

Considerações finais: pesquisar é anunciar

Ao longo dessa travessia, torna-se possível compreender que pesquisar com o NUGS vai muito além de investigar uma rede de políticas educacionais ou estudar um Núcleo. É, antes, viver um processo de formação constituído pela escuta, pela convivência e pela esperança. Cada diálogo, gesto e partilha mostra que a pesquisa é também uma forma de estar no mundo, e que o conhecimento só ganha sentido quando se deixa tocar pela vida.

Se a denúncia torna visíveis as estruturas que oprimem, o anúncio projeta possibilidades outras de existência e transformação. É entre aquilo que se revela e aquilo que ainda se deseja construir, que a pesquisa se monta. Pesquisar com o NUGS é, assim, exercício contínuo de esperança: afirmar a possibilidade de uma escola mais justa, de uma educação comprometida com a diferença e com a pluralidade dos modos de existência e de um conhecimento produzido na partilha. Em diálogo com Freire (1992), compreendo esse movimento como um esperar. Não uma espera passiva, mas uma disposição para agir sobre aquilo que ainda pode ser transformado. Pesquisar, afinal, também é anunciar o (im)possível.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**: La nueva mestiza. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.

BALL, Stephen J. **La micropolítica de la escuela**: hacia una teoría de la organización escolar. Madrid: Paidós, 1994.

BALL, Stephen J.; MAGUIRE, Meg; BRAUN, Annette. **Como as escolas fazem as políticas**: atuação em escolas secundárias. 2. ed. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2021. 242 p.

BALL, Stephen J. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson. (Org.). **Políticas Educacionais**: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.



BERARDI, Franco. **Asfixia**: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt>. Acesso em 29 out. 2025.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. “Ser Afetado”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em 10 out. 2025.

FERREIRA, Luciane Senna. **O NEPGS e a institucionalização das políticas de ações afirmativas de gênero e sexualidade no IFRS**: trajetórias, potencialidades e desafios. 2024. 352 f. Tese (Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2024.

FREIRE, Paulo. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. In: BRASIL. Senado Federal. **O livro da profecia**: o Brasil no terceiro milênio. Brasília, DF: Senado Federal, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 169-178, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 29 out. 2025.

GUIMARÃES, Willian. **Trajetoórias de vida pela educação**: produzindo os Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual em um Instituto Federal. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

GRISCHKE, Lucas Lopes. **Núcleos de Gênero e Diversidade (NUGEDs) do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) em Pelotas-RS**: uma análise sobre a perspectiva da educação em Direitos Humanos. 2019. 183 f. Dissertação (Mestrado em Direito e Justiça Social) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Direito, Rio Grande, 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 29 out. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

IFSP. **Núcleo de estudos sobre gênero e sexualidade do IFSP**: documento orientador. Elaboração de Andressa de Andrade et al. São Paulo: EDIFSP, 2024. 76 p. e-book. ISBN 978-65-5823-052-6. Disponível em: <https://editora.ifsp.edu.br/edifsp/catalog/book/116>. Acesso em: 21 maio 2026.

IFSP. **Portaria nº 5700/IFSP, de 25 de outubro de 2021**. Aprova o Regulamento do Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade (NUGS) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. São Paulo: IFSP, 2021. Disponível em: [Portaria nº 5700/2021 – Regulamento do NUGS](#). Acesso em: 31 maio 2026.

IFSP. **Projeto diversidade em diálogo**: gênero e sexualidade chegam ao campus. Jacareí, 2025. Disponível em: <https://jcr.ifsp.edu.br/index.php/ms-imagine/17-ultimas-noticias/2685-projeto-diversidade-em-dialogo-genero-e-sexualidade-chega-ao-campus>. Acesso em: 5 maio 2026.

MAINARDES, Jefferson. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 47-69, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/NGFTXWNtTvXyTcQHCFyhsJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 mai. 2026.

RICATIERI, Mariana. **O corpo político**: políticas de gênero no Instituto Federal de São Paulo. 2026. 129 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2026.